

MOSTRA MEMÓRIA

o CINEMA NOS 50 ANOS DA FCA

50 fca
anos 
faculdade de
comunicação e artes



MOSTRA MEMÓRIA: O CINEMA NOS 50 ANOS DA FCA
18 A 28 DE JUNHO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



SUMÁRIO

4	A Mostra		
5	A Faculdade de Comunicação e Artes e o curso de Cinema e Audiovisual		
6	O Centro de Crítica da Mídia		
7	O Centro de Experimentação em Imagem e Som		
8	A Cardume Curtas		
9	Relação de Curadores		
10	Apresentação Ato I		
		13	Programa Um Marginais: invenções e experimentos
		17	Programa Dois Políticos: realismo e crítica
		20	Programa três Narrativos: lirismo e tradição
		23	Apresentação Ato II
		25	Apresentação Ato III
		28	Ficha Técnica do Catálogo

O Centro de Crítica da Mídia (CCM) e o Centro de Experimentação em Imagem e Som (CEIS) da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas realizam, entre os dias 18 e 28 de junho, a **Mostra Memória: O Cinema nos 50 Anos da FCA**. O festival reúne curtas-metragens produzidos por alunas e alunos dos cursos de Comunicação Social ao longo de meio século de existência da Faculdade. Divididas em três atos, as 32 obras selecionadas para a mostra ficarão disponíveis na Plataforma Cardume Curtas durante todo o período de realização do evento.

No Primeiro Ato, apresentamos curtas-metragens realizados antes da criação do curso de Cinema e Audiovisual na Universidade. As obras desta categoria foram selecionadas a partir do raro acervo

do ex-professor da FCA Paulo Pereira, que reúne curtas produzidos desde os anos 1970 até os anos 2000. Já o **Segundo Ato** da mostra reúne filmes realizados por estudantes durante o curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas desde 2014, ano de criação do curso, mas anteriores à pandemia de COVID-19, isto é, anteriores a março de 2020. **O Terceiro Ato**, por sua vez, abarca obras produzidas, apesar das adversidades, durante a período de isolamento.

O evento conta, ainda, com duas atividades paralelas, veiculadas no canal da FCA no Youtube. No dia 18 de junho, às 19h, acontece a live de abertura da Mostra. Já no dia 29 de junho, também às 19h, teremos um debate de encerramento e premiações.

A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES E O CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

Criada em 1971, em um cenário político tenso e no contexto de restrições às liberdades individuais e coletivas, a Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) da PUC Minas tem sua trajetória marcada pelo espírito crítico e de defesa da liberdade de expressão, da tolerância e do respeito às diversidades. Também, desde sua origem, entendeu o seu papel formador de comunicadores competentes, cujo serviço à sociedade requer uma for-

mação técnica qualificada e inovadora. Presente em Belo Horizonte no campus Coração Eucarístico e nas unidades Praça da Liberdade e São Gabriel, a FCA também está no campus Poços de Caldas. Nessas cinco décadas, já formou milhares de profissionais em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Cinema.

O curso de Cinema e Audiovisual da FCA, criado em 2014, alia a sólida formação profissional com a formação conceitual e humanística através dos eixos temáticos da área do Cinema e Audiovisual, preparando alunas e alunos para trabalhar em uma das áreas de maior crescimento da economia nacional e mundial.

Diretor da FCA: Mozahir Salomão.

Colegiado do curso de Cinema e Audiovisual: Robertson Mayrink (Coordenador) e Elisa Rezende.



O CENTRO DE CRÍTICA DA MÍDIA

O Centro de Crítica da Mídia (CCM) atua no âmbito dos cursos de Comunicação Social da PUC Minas, promovendo a reflexão acerca das tecnologias e instituições midiáticas, assim como de práticas e produtos circulantes nessa cultura. O CCM possui três eixos de ação: desenvolve produções – textuais e audiovisuais – voltadas para seu blog; promove a realização de eventos de crítica midiática; e fomenta a pesquisa no próprio centro, através de projetos de iniciação científica e de articulações com grupos de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas.

Coordenação: Ercio Sena.

Monitores: Carlos Eduardo, Clara Pellegrini, Gustavo Fernandes, Júlia Alvarenga, Júlia Horta e Júlia Portilho.

Colaboradoras: Jéssica de Almeida e Nana Miranda.

Site: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/>



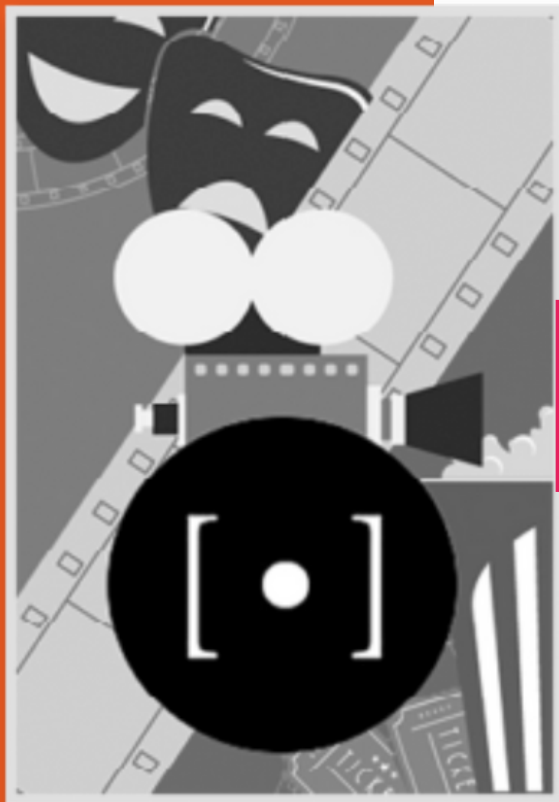
O CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO EM IMAGEM E SOM

O Centro de Experimentação em Imagem e Som (CEIS) é um laboratório de comunicação criado para fomentar projetos e discussões sobre o audiovisual. Também é responsável pela promoção e divulgação de eventos extracurriculares relacionados ao curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas. Além disso, o CEIS utiliza as mídias sociais como ferramenta para criação de conteúdos extracurriculares, como, por exemplo, colunas semanais de críticas de filmes, cobertura de premiações cinematográficas e indicações de obras audiovisuais contemporâneas.

Coordenação: Beth Miranda.

Monitores: Bruna Sanches, Fabricio Ferreira, Nathália Fialho e Lorena Arruda.

Colaborador: Antonio Pedroni.



A CARDUME CURTAS

A Cardume é um portal de filmes brasileiros de curta e média-metragem que surgiu com o propósito de difundir, fomentar e internacionalizar o audiovisual independente brasileiro. Assinantes da plataforma têm acesso a um catálogo com mais de 120 dos mais premiados filmes nacionais e ainda ajudam a fomentar a produção independente. Além de retornar boa parte da verba arrecadada com as assinaturas para produtores dos filmes, a plataforma – fundada pelos artistas mineiros Daniel Jaber e Luciana Damasceno – também promove ações de fomento, formação e impulsionamento do audiovisual nacional.

Site: cardume.tv.br



RELAÇÃO DE CURADORES

Pré curadoria

Pré Curadores do Ato I: Antonio Pedroni, Clara Pellegrini, Marco Túlio Ulhôa, Juliana Gusman e Pedro Vaz.

Pré Curadores do Ato II: Antonio Pedroni, Bruna Sanches, Júlia Horta e Nathália Fialho.

Pré Curadores do Ato III: Antonio Pedroni, Bruna Sanches, Júlia Horta e Nathália Fialho.

Curadoria final

Curadores do Ato I: Antonio Pedroni, Clara Pellegrini, Marco Túlio Ulhôa, Juliana Gusman e Pedro Vaz.

Curadores do Ato II: Fernanda Rossi, Júlia Alvarenga e Juliana Gusman.

Curadores Ato III: Clara Pellegrini, Fernanda Rossi e Juliana Gusman.

Mostra memória: o começo da reescrita de uma história


Por Pedro Vaz Perez

A história do cinema no Brasil passa, necessariamente, por Minas Gerais. Se num primeiro momento, as rodagens do cinematógrafo encontraram entusiastas entre as nossas serras, dos quais o nome de Humberto Mauro se tornou o mais notável dentre os pioneiros, o cinema que nos acostumamos a chamar “brasileiro” acabou por se consolidar em outras terras. Em meados do século passado, no entanto, Belo Horizonte se tornou o desvio necessário da reflexão e da produção nacional.

Ao lado do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), e sua famosa e respeitada Revista de Cinema, a Escola Superior de Cinema da então Universidade



Católica, inaugurada em 1961 sob o comando do Pe. Massoti, ajudou a definir certas tendências de nossa cinematografia mais interessante. Ao mesmo tempo em que contribuiu para constituir, em Belo Horizonte, um espaço mais do que fértil para o debate e a produção de filmes. Nas pequenas sessões de cineclubes, nas exibições programadas nas principais salas da cidade, bem como nas mesas dos bares, cafés e livrarias da capital, os estudantes da Escola engrossavam o cenário cultural fecundado nas ruas da cidade.

Em 1970, a Escola de Cinema daria origem à Faculdade de Comunicação e Artes (FCA), que manteria em seu núcleo a voca-



cação à produção cinematográfica e audiovisual. Estima-se que, em seus primeiros 30 anos, mais de 300 filmes de curta-metragem rodados em 8, 16 e 35 mm foram produzidos pelos alunos da FCA, quase sempre com a colaboração atuante e vigorosa do professor Paulo Antônio Pereira. Esta mostra, com filmes que não são exibidos há décadas, apresenta três recortes temáticos realizados a partir de uma pequena parcela dos filmes históricos da Faculdade. As imagens sobreviveram graças ao cuidado e o carinho de Paulo Pereira, responsável pela digitalização que as salvou do desaparecimento. Na última década, a guarda deste material foi passada ao ex-aluno de Paulo, atual professor e pesquisador, Marco Túlio Ulhôa, que pôde, por fim, nessa celebração dos 50 anos, devolver os filmes a seu lugar de origem.

A maior parte deste acervo ainda está por ser descoberta, e esperamos poder apresentá-la à comunidade ao longo dos



próximos anos, em um esforço de preservação e memória da produção audiovisual realizada no país. Por ora, podem ser vistos três programas, cada um composto por seis curtas-metragens: três diferentes tendências temáticas e estilísticas percorridas pelos alunos da FCA ao longo das décadas de 1970 e 1980.

No primeiro programa, vemos os ecos do experimentalismo, do deboche e da invenção estética sem limites que caracterizou certa faceta da produção nacional que veio a ser chamada de “marginal”. Na segunda parte, se fazem presentes os dilemas políticos e sociais, e a vontade, ora mais assertiva, ora mais inocente, de jogar luz a temas e personagens marginalizados da sociedade brasileira, na esteira da politização que se tornou quase sinônimo de cinema brasileiro. Por fim, o terceiro programa reúne as experiências que buscam caminhos mais tradicionais do cinema narrativo, ou se propõem carregadas de lirismo.

Para cada um desses programas, foi produzido um pequeno texto pelos curadores da mostra, com o objetivo de contribuir tanto para a reflexão do material hoje, quanto para ajudar na sobrevivência dessas imagens ao longo da história, auxiliando futuras pesquisas e revisitas. Mas, acima de tudo, esta coleção heterogênea de filmes e textos acaba por refletir, como pequenos lampejos, o próprio desenvolvimento temático e estilístico do cinema brasileiro, nos ajudando a pensar sobre o estado atual de nossas produções, sua preservação e, mais especificamente, como a cidade de Belo Horizonte se tornou como um dos palcos privilegiados da produção cinematográfica nacional ao longo das últimas décadas. Que seja apenas o começo da reescrita de nossa história.

Boas sessões!

Crédito: LAB AUDIOVISUAL



Crédito: LAB AUDIOVISUAL

PROGRAMA UM

MARGINAIS: INVENÇÕES E EXPERIMENTOS

Por Pedro Vaz Perez e Marco Túlio Ulhôa



A primeira sessão recolhe filmes produzidos ao longo de pouco mais de uma década, entre 1974 e 1985. Todos filmados a cores na bitola 8mm, material mais barato e prático adequado a filmagens rápidas e sem orçamento. Produções que parecem se entregar ao experimentalismo que acompanhou o superotimismo no Brasil, no período em questão. As fitas ecoam – cada uma a sua maneira, de forma mais intuitiva ou programática – o ambiente de resistência e rebeldia, sob o signo da contracultura, que havia marcado, nos anos anteriores, certa produção que hoje chamamos de “cinema marginal”.

Despreocupados com regras de integração narrativa organizada por uma decupagem clássica, o conjunto de curtas, heterogêneo entre si, mostra o frescor criativo associado ao radicalismo de uma geração que cresceu sob o autoritarismo da ditadura militar, ao lado do avanço exponencial da indústria cultural em uma sociedade capitalista cada vez mais inserida na lógica consumo e deflagrada pelas desigualdades.

Os três primeiros, registrados em meados da década de 1970, trazem um tom de denúncia, com algum humor. Já os filmes do início dos 1980 se investem ainda mais do “desbunde”, apostando na destruição e nas ruínas de uma sociedade que, mergulhada na crise econômica, parecia sem futuro. Exceção ao tom cinefílico-paródico do último filme, que estabelece um diálogo com o cinema hegemônico hollywoodiano – mas numa apropriação ainda mais carregada do deboche.

"O respirador de pó" (1974) é uma sátira bem humorada à vida moderna industrializada e urbana. Ou, mais especificamente, à poluição

das grandes metrópoles, àquela altura cada vez mais infestadas pelos automóveis. Entre árvores e cigarros, entre o ar fresco do campo e os canos de descarga dos carburadores, entre o terno-e-gravata e o corpo seminu, é da poluição que nosso protagonista se alimenta. A síntese: de volta aos paletós, é com um sarcástico sorriso que o jovem cidadão sinaliza a entrega do humano a uma depredadora civilização.

Na mesma toada é realizado **"Mimesis" (1975)**. Mas, aqui, a decupagem mais comportada dá lugar a uma câmera errante, trêmula e em urgente movimento, abusando da lente zoom – sobretudo do hoje pouco usual zoom in – e das imagens desfocadas. Um homem nu emerge da natureza. Ao passo que caminha rumo à cidade – um tanto atônito, um tanto curioso – começa a ter partes de seu corpo cobertas com as roupas e marcas da civilização. Armado, vestido, identificado e catequisado: eis o retrato do homem moderno, forjado entre a violência da ditadura e a sedução do capital, distante da natureza e refém de sua própria civilização.

Já **"Boom zoom" (1974)**, apesar de contemporâneo aos outros dois, mergulha em outra estilística. Filme de estranhamento na mise-en-scène e de rigorosa montagem, faz entrever aqueles tempos sombrios e perigosos. Um homem de costas, com terno e maleta executiva, caminha em frente, enquanto os pedestres seguem para trás, como que em câmara reversa. Já dizia Paulo Martins, personagem de uma **Terra em Transe: "ao passo que vamos, recuamos"**. A montagem intervém a todo tempo, interrompendo a fluidez do sentido, exibindo sequências de placas de trânsito, sob a regência de uma cacofônica sinfonia. Signos da urbe, ao mesmo tempo em que alertas – nem tão – velados: "Contra", "proibido", "zona militar", "devagar, atenção", "não vire à esquerda", "pare", "proibido", "proibido", "proibido"... Por fim, se desfaz o suspense: o misterioso protagonista é um estranho sem rosto, em um mundo das identidades homogeneizadas e censuradas.

Os filmes realizados uma década depois mostram claras mudanças estilísticas em

relação aos anteriores, e aquele gesto de denúncia e resistência, agora diante de um regime decadente, dá lugar a uma desbundada rebeldia, em filmes mais elaborados e densos narrativamente, apesar de um acentuado radicalismo.

O título **"Stultífera Navis" (1983)**, da fita mais esteticamente radical de todo o conjunto, sugere a livre interpretação de uma antiga alegoria, **"A nau dos insensatos"**. A narrativa é bastante fragmentada, apresentando distintos personagens em diferentes situações: um homem nu; outro, engravatado. Ruas da metrópole. Um mendigo, marginalizado, dorme na rua sob uma profética pichação: "o mundo se enlouquecerá". Vitrines de lojas, janelas de apartamentos. Um vampiro punk de óculos escuros analisa seu reflexo no espelho. Um cérebro é acariciado por luvas cirúrgicas diante do naufrágio da razão ocidental. A montagem ruma à síntese: entre plantas e escombros, em meio a manequins de moda despedaçados, o bicho homem renasce em sua profana natureza.

Já **“Êxtrase” (1984)** traz traços mágicos: uma alcateia de estranhas criaturas, ou de jovens anarquistas, brota das pedras de um reino insólito e rouba a poção de um bruxo que a preparava, óculos escuros na face, em meio a uma nuvem de fumaça. Com ela, sabotam a caixa d’água da cidade, libertando os moradores da opressão ilusória da sociedade do consumo, devolvendo-os à opulência e à exuberância da natureza primordial, rumo à destruição da civilização como a conhecemos.

Por fim, **“Tubarão IV” (1985)** é a falsa continuação do terceiro filme da franquia, lançado em 1983. Uma freira leva seus jovens alunos para um divertido passeio no lago. Ao acordar de um breve cochilo, descobre que foram todos devorados por um malandro tubarão. Por fim, ela tem uma grande surpresa. Com enredo bastante simples e linear, a fita impressiona pelo trabalho com os enquadramentos e pelo domínio do ritmo de montagem, eficiente na construção do suspense. Mais narrativo do conjunto, o filme integra a relação dos “marginais” pelo debochado espírito paródico, que, ao mesmo

tempo em que homenageia Spielberg – a quem o filme é dedicado – não deixa de devorar os códigos da matriz, devolvendo, misturado ao suspense, um humor debochado como sátira às tradições, à moral e aos bons costumes. Aproximando-se, assim, dos gestos paródicos das antigas fitas da Atlântida Cinematográfica – mas também da atualização destes procedimentos operada por alguns filmes tropicalistas e marginais na virada entre os sessenta e setenta, ou até mesmo da fusão entre erotismo e comédia que marcaram algumas das produções da Boca do Lixo.

Com deboches, estranhamentos e radicalismos, em formas despreocupadas com o estilo clássico e com os códigos narrativos, essas fitas do passado, vistas pelo prisma de 2021, talvez possam nos fazer refletir sobre a assepsia de certa produção contemporânea, pouco hábil para plasmar, nas telas, o horror que se insinua à luz do dia. Enquanto a nau dos insensatos, longe de ancorar sob o prisma da razão, segue seu caminho errático rumo à escuridão e à perversidade.

PROGRAMA DOIS

POLÍTICOS: REALISMO E CRÍTICA

Por Juliana Gusman



Os filmes que compõem o segundo programa do Ato I da **Mostra Memória** reverberam, sobretudo, as agruras política do seu tempo. Mesmo os trabalhos que priorizam a elaboração ficcional parecem fazer um apelo às arestas do real. Os seis curtas, produzidos entre 1976 e o final dos anos 1980 – infelizmente, alguns não estão datados – registram, de certa maneira, os desafios coletivos mais latentes do país e nos convocam, intencionalmente ou não, a uma leitura documentarizante das suas indignações. A desigualdade social, agravada durante a ditadura civil-militar (1964-1985), é registrada a partir de diferentes perspectivas, que se articulam no desejo de denúncia. É possível per-

ceber, nos rastros cinematográficos da história, o gradual desenvolvimento de adversidades comuns.

O primeiro filme do programa, "**Para quem?**", nos fornece um panorama mais geral das opressões candentes. Já no enquadramento inicial, mostra-se a cruel ironia de um cartaz: "O imposto que a gente paga, o progresso que a gente vê", dizeres pouco condizentes com as percepções populares de desenvolvimento e ascensão. Apostando numa crítica possível pelo tensionamento entre imagem e narração, a produção de teor documental evidencia cenas de precariedade e pobreza que jamais são verbalizadas por um discurso, cínico, que almeja apagar a concretude da miséria celebrando falsas farturas. O segundo curta, "**Em busca da vitória**" também aposta na contradição entre o que se vê – uma corrida de jóqueis – e o que se escuta – uma descrição nada literal de um evento aparentemente ordinário. Disputam, na verdade, o cavalo Brasil e o cavalo Inflação, que sai na frente do retardatário cavalo Povo.

Já "**Um Operário em construção**" abre mão de expressões verbais, organizando, na montagem, uma narrativa quase dialética, certamente classista. Acompanhamos o cotidiano de um peão de obra, que só para pra descansar, como se fosse príncipe, pra comer feijão com arroz, como se fosse o máximo. A alternância entre os planos dos prédios da cidade e das mãos do trabalhador, que os contempla do alto de um morro periférico após um dia de labuta, sugerem que a personagem tem consciência de que, sem o seu esforço, não há horizonte que fique de pé. "**Tiro**", por sua vez, evoca o clamor por eleições diretas já no crepúsculo dos anos de chumbo. Um atleta brasileiro se prepara para uma corrida, mas é morto por uma pistola que deveria iniciá-la, não a abortar na largada. A camisa do Brasil ensanguenta pretendia, aparentemente, configurar-se como metonímia de um povo arrasado. Pouco sabiam os jovens da época que a figura de linguagem, além de afrontar o presente áspero, acabaria antecipando visualidades de futuro igualmente duro.

"**Pirô Pirado**" dá continuidade à crítica política, representando o Instituto do Planejamento como hospício, do qual escapa uma figura à lá Norman Bates com sede de extermínio. A faca hitchcockiana é a ferramenta do fugitivo, que se engaja, ao som da trilha sonora de "**2001- Uma Odisseia no Espaço**", na busca de uma vítima. Persegue um singelo jardineiro, quase aniquilado por delírios econômicos. Por fim, impera o deboche em "**É sangue mesmo, não é mertiolate**", que apesar de anunciar o apelo de real logo no título, tece comentários ácidos em seus gestos de fabulação. O filme, dizem os créditos, é estrelado por Marlon Brando e Catharine Deneuve, com roteiro e diálogos de Janete Clair. Porém, nada mais distante do glamour hollywoodiano e do melodrama novelesco do que um realismo cru edificado a partir de imagens penosas de pessoas em situação de rua, privadas de liberdade, desamparadas e até mortas que compõem o argumento da obra.

Esses seis filmes são fagulhas incendiárias do passado, que podem nos ajudar a refletir sobre as nossas batalhas atuais. Ressoam a forte tradição politizada do cinema brasileiro, presente principalmente em suas narrativas não-ficcionais. O outro marginalizado é, portanto, o mote e motor dessas produções que parecem sugerir que para transformar o mundo, é preciso, primeiro, compreendê-lo.



PROGRAMA TRÊS

NARRATIVOS: LIRISMO E TRADIÇÃO

Por Antonio Pedroni e Clara Pellegrini



Os filmes do terceiro programa de curtas do Ato I são agrupados pela estrutura narrativa. A inventividade na ficcionalização, que garante a multiplicidade das obras, gera também aproximações entre elas. Os seis curtas-metragens, apesar das datas incertas, foram realizados entre 1974 e os anos finais da década de 1980 – há um espaçamento temporal considerável entre eles, mas insuficiente para retirá-los da conjuntura da ditadura militar. Esse contexto incide sobre todos os filmes feitos à época, impactando esse programa em particular pela recorrência do signo da morte e de anseios existencialistas, traduzidos na preocupação com o tempo. A maioria das obras do grupo lida diretamente com os temas, e mesmo as

que não o fazem trazer resquícios disso: através da representação da violência – seja ela policial ou consequência de uma estrutura social desigual – e da reiterada abordagem de uma evolução temporal que transforma as personagens.

"O Leiteiro" (1974), primeiro a ser exibido no programa, narra o cotidiano interrompido de um entregador de leite em um Brasil marcado pela fome, violência e desigualdade. A obra é baseada em um poema de Carlos Drummond de Andrade e se propõe a fazer uma tradução literal do texto-fonte: tanto a encenação quanto a narração recitam o poema, construindo o enredo com delicada sensibilidade. Como resultado, não só as imagens reverberam o lirismo dos versos de Drummond, mas o tom do filme como um todo.

"Contracanto" é o segundo da lista e possui uma narrativa aberta, orbitando em torno do atropelamento de um violeiro em uma via movimentada. O tempo do que se vê em sequência é indeterminado, podendo se tratar de um imaginário póstumo, um vislumbre de um possível futuro ou uma re-

memoração de um momento passado. São cenas de contemplação despreocupada e de interações leves, felizes, entre o homem e uma mulher. Essas imagens poéticas em um cenário quase idílico reforçam a construção de um universo onírico.

Dentre os filmes exibidos no Ato I, **"Sem Sombra no Chão"** era o preferido do professor Paulo Pereira. Após uma rigorosa seca em um cenário de sertão, um homem se revolta contra o Sol. A temática e a figura do sertanejo dialogam diretamente com notáveis tradições da cultura nacional que precedem o curta: clássicos da literatura como **"Vidas Secas e Grande Sertão Veredas"**, de Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa, e parte importante da produção cinemanovista da década de 1960. A longa duração da estiagem é apreendida através da narração, que descreve o sofrimento da personagem. A angústia acumulada culmina em um clímax: uma sequência de montagem alternada na qual o homem, com sua espingarda, atira no Sol.

Em contrapartida ao ambiente sertanejo, **"O Parque" (1978)**, quarto filme do programa,

apresenta-se como uma expressão da urbanidade belo-horizontina, projetando o Parque Guanabara ao lugar de protagonista. O curta nos coloca no ponto de vista de uma criança que observa os brinquedos. Assim como em "**Contracanto**", existe aqui uma posição contemplativa desse cenário, delimitada por escolhas inventivas de decupagem fotográfica – o melhor exemplo disso é o plano da roda gigante, em que a câmera ganha autonomia para entrar no brinquedo e girar junto a ele, registrando a Belo Horizonte do final da década de 70. Esse caráter de certa forma documental atribui à obra outro tipo de força narrativa, fazendo com que ela seja a mais distante desse conjunto de filmes. Paralelamente ao registro contemplativo, a câmera por vezes segue a criança e denuncia a cultura da precificação do lazer. No fim, sem dinheiro e impedido de brincar, ele não enxerga outra opção senão roubar; a violência aparece como consequência explícita da desigualdade social.

"**As aventuras de um tricordiano**" (1984), penúltimo curta desse ato, é dividido em

três momentos da vida de José Milton Santos. O icônico ex-professor da FCA era, à época, só um jovem professor rememorando suas histórias em uma mesa de bar com amigos – e com o público. A cronologia dessa cinebiografia, então, se desenvolve a partir de um movimento dialético que contrapõe essa tríade de tempos entre si, narrando o percurso do protagonista pelas principais vivências formativas: a infância e a juventude em Três Corações, marcadas pelo contato com o marxismo e ativismo social – respondidos com repressão policial –, e a boêmia vida adulta em Belo Horizonte; tese, antítese e síntese.

Com traços de ficção científica, "**A Janela do Tempo**" (1987) acompanha a tensa jornada de um homem que testemunha um assassinato pela janela de seu prédio. A premissa é simples, mas a utilização do suspense como motor do filme cria um cenário em que, ao invés de respostas, surgem cada vez mais dúvidas, que alimentam a complexidade da narrativa. Sua estrutura faz desse curta uma espécie de conto narrado através de imagens. Além

disso, a presença de uma "**femme fatale**" agrega à atmosfera fílmica, contribuindo para a imersão e potencialização do mistério.

Apesar do último programa ser organizado em função da semelhança quanto à estrutura e temática dos curtas que o compõem, é evidente também seu caráter

político, funcionando como resposta ao seu contexto histórico-social, como tradicionalmente fazem os filmes brasileiros. Da mesma forma, caberá ao futuro investigar quais serão as reações do nosso cinema às semelhantes urgências do autoritarismo que atravessam a nossa atualidade.



APRESENTAÇÃO ATO II

Os curtas-metragens selecionados para o Ato II da **Mostra Memória** foram realizados por estudantes do curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas. Foram selecionadas obras produzidas de 2014 – quando da criação do curso – até março de 2020. O conjunto dos filmes revela a preocupação persistente dos jovens realizadores com questões sociais hodiernas. Seguindo a tradição crítica instituída pelos curtas dos anos 1970 e 1980, os seis filmes elegidos para o Ato II inovam,

cada um a seu modo, ao trazer a política para os corpos – LGBTs, racializados, femininamente divergentes –, sem, no entanto, perderem a dimensão coletiva das questões que os atravessam na carne. Ora apostando numa estética arrojada e experimental, ora se ancorando na ternura de uma narrativa comum, embora não menos potente, as obras aqui reunidas abordam debates difíceis, e igualmente inarredáveis.

Ditadura Roxa

Duração do Filme: 23'20"

Ano do filme: 2020

Direção: Matheus Moura

Sinopse: Yeda, mulher verde, vende pães para sustentar a casa onde vive com seu marido doente. Por meio do contexto das pessoas verdes, conhecemos a realidade de quem vive à margem de uma sociedade roxa e conservadora. Uma oportunidade faz com que Yeda repense sua identidade e seus valores.

Fosfeno

Duração do Filme: 13'

Ano do filme: 2018

Direção: Clara Vilas Boas e Emanuelle Sales

Sinopse: Teçá é uma jovem solitária que trabalha como DJ e sofre com suas memórias vívidas. Durante seu setlist em uma festa, uma mulher tira uma foto de Teçá. Essa mulher continua aparecendo pelo seu caminho.

Glória

Duração do filme: 19'01"

Ano do filme: 2019

Direção: Arthur Pereira

Sinopse: Glória é levada por uma figura paterna para um instituto de tratamento de fobias. No entanto, depois de quebrar as regras do local e ser julgada por suas ações, ela conhece Pepe; um homem que se apaixona e cria uma obsessão pela garota, embarcando em uma jornada sem limites para tentar conquistá-la.

Jaíza

Duração do filme: 23'

Ano do filme: 2019

Direção: Ana Clara Gonçalves França, João Paulo de Freitas Alves

Sinopse: Duas mulheres, uma jovem de dezesseis anos, quase dezessete, e outra de idade mais avançada se encontram em uma sala de espera.

Por Outras Primaveras

Duração do filme: 21'37"

Ano do filme: 2019

Direção: Anna Mol

Sinopse: Após uma grande perda, Nívea em-



barca em uma viagem ao sul de Minas com suas amigas: Serena e Iara. Juntas refletem sobre tudo aquilo que as fazem ser quem são.

Têmpera

Duração do filme: 7'55"

Ano do filme: 2017

Direção: Débora Salles, Fábio de Carvalho, Izabela Santiago, Karolina Bicalho, Maria Albuquerque, Setephany Caratsounis, Thaylane Cristina e Thiago Barros.

Sinopse: Uma representação visual absurda e surreal sobre o término de uma mulher.

Trovoada

Duração do filme: 1'

Ano do filme: 2019

Direção: Renan Eduardo

Sinopse: Trovoada é um curta político-social que aborda o genocídio negro nas periferias brasileiras. Acompanhamos a curta história de Mari que, em meio ao tiroteio, entra em estado de transe e reflete sobre o que realmente está acontecendo ao seu redor.



APRESENTAÇÃO ATO III

Os curtas-metragens selecionados para o Ato III da **Mostra Memória** foram realizados durante a pandemia de COVID-19, dentro do curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas. No isolamento social, estudantes propuseram alternati-

vas inventivas para driblar a precariedade imposta de recursos, estrutura e equipe. Em alguns filmes, a pandemia se torna, inclusive, tema e dispositivo cinematográfico. Em outros, as narrativas se voltam para experiências pessoais e au-

tobiográficas, talvez impulsionadas pela inevitabilidade do confinamento. Trata-se de um conjunto diverso – que transita da ficção ao documentário e à animação – mas que muito revela sobre as possibilidades de fazer cinema mesmo diante de grandes adversidades.

A Dor que Ninguém Vê

Duração do filme: 24'13"

Ano do filme: 2020

Um filme de: Ana Luiza Costa e Bianca Santiso

Sinopse: O documentário "A Dor Que Ninguém Vê" retrata o luto durante o período de pandemia de COVID-19, transmitida pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) que se iniciou em dezembro de 2019 e rapidamente se alastrou por todo o mundo.

A Lenda do Sol e da Tempestade

Duração do filme: 12'43"

Ano do filme: 2020

Diretores: Hugo Tortul Ferriolli e Victor Laildher do Amaral

Sinopse: A chegada de Susanoo, kami da tempestade, e de seu comportamento destrutivo perturba a vida de sua irmã Amaterasu, kami do Sol, e dos súditos dela. As ações de Susanoo ferem profundamente sua irmã e os súditos precisam lidar com as consequências.

Cipó: Uma Viagem ao Centro da Serra

Duração do filme: 21'

Ano do filme: 2020

Direção: Bernardo Mandacaru / Diego Almeida

Sinopse: Um curta documentário sobre o grandioso cenário da Serra do Cipó. Acompanhamos momentos e situações diversas e biodiversas em seus vários pontos de vista, representados por meio da fotografia e sons captados em expedições realizadas pela equipe na região. Além disso, traz consigo relatos e críticas em rela-

ção a situação atual de desmatamento e queimadas que vêm crescendo constantemente.

Essa é a Sua Vida

Duração do filme: 11'33"

Ano do filme: 2020

Diretor: Arthur Pereira

Sinopse: No início de 2020, esse seria um documentário sobre calouradas, porém, uma pandemia e três meses confinado em casa acabam mudando o autor e o rumo desse projeto.

Lótus

Duração do filme: 2020

Ano do filme: 4' 45"

Diretora: Helenna Dias

Sinopse: Uma mulher, ao tentar encaixar-se no padrão de beleza, trilha um caminho de sofrimento e tristeza. Depois de uma grande reflexão, acaba por descobrir que não é preciso alcançar o padrão, ela mesma é suficiente, libertando-se.

Penúltima Página

Duração do filme: 08'

Ano do filme: 2020

Direção: Gustavo Koncht

Sinopse: Após a morte de seu pai, João retorna para a casa onde foi criado. Ao tentar lidar com o luto, o jovem redescobre sua infância a partir de outras perspectivas.

Vestígio

Duração do filme: 06'59"

Ano do filme: 2020

Direção: Gabriel Werneck

Sinopse: Um fotógrafo observa as fotos do último dia da vida de um menino.

FICHA TÉCNICA DO CATÁLOGO

Supervisão: Ercio Sena.

Revisão: Juliana Gusman e Pedro Vaz Perez

Diagramação: Nana Miranda

Textos: Antônio Pedroni, Carlos Eduardo, Clara Pellegrini, Gustavo Fernandes, Jéssica de Almeida, Júlia Alvarenga, Júlia Horta e Júlia Portilho, Juliana Gusman e Nana Miranda, Marco Túlio Ulhôa, Pedro Vaz Perez.

REALIZAÇÃO:



APOIO:

